



MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA: PRIMEIRA TRAVESTI NEGRA DOUTORA DO BRASIL

Gustavo Augusto Assis Faustino¹

Resumo: Megg Rayara Gomes de Oliveira nasceu em 08 de outubro de 1975, em Cianorte, no interior do Paraná. Como ela conta, era uma bicha portadora de uma sexualidade “disparatada”, por isso, na escola, foi apresentada a essas normas de maneira muito violenta. A produção artística apareceu na sua vida como uma possibilidade de transgressão e de comunicação com manifestações de seu íntimo. Ingressou no curso de Licenciatura em Desenho e Plástica e, após ser reprovada por quatro vezes no mestrado, teve a consciência de que a academia tinha suas características normatizantes. Em 2017, tornou-se a primeira travesti negra a obter o título de doutora no Brasil. Em 2019, foi nomeada como professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, atualmente, é a coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFPR.

Palavras-Chave: Megg; travesti negra; educação.

MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA: FIRST BLACK TRANSGENDER PhD OF BRAZIL

Abstract: Megg Rayara Gomes de Oliveira was born on October 8, 1975, in Cianorte, in the countryside of Paraná. As she says, she was a “fag” with a “silly” sexuality, so at school, she was introduced to these rules in a very violent way. Artistic production appeared in her life as a possibility of transgression and communication with manifestations of her inner self. She entered the Licentiate Degree program in Drawing and Plastics and, after failing four times in the master's degree, she was aware that the academy had its standard features. In 2017, she became the first black transgender to obtain the title of doctor in Brazil. In 2019, she was appointed as a Professor at the Federal University of Paraná (UFPR) and is currently the coordinator of the Center for Afro-Brazilian Studies (NEAB) at UFPR.

Keywords: Megg; black transgender; education.

¹ Licenciando em Química na Universidade Federal de Goiás, integrante do Coletivo Negro/a Ciata do Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão (LPEQI/NUPEC/IQ/UFG). Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica - PIBIC nas Ações Afirmativas (PIBIC AF/CNPq). Assistente editorial da Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Técnico em Química pelo Instituto Federal de Goiás - Campus Inhumas (IFG). Atua na área de ensino de química, história africana e afro-brasileira, feminismos negros e a descolonização do currículo de ciências. E-mail: gustavoaugusto531@gmail.com



MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA: PRIMER TRASGESTO DE DOCTOR NEGRO EN BRASIL

Resumen: Megg Rayara Gomes de Oliveira nació el 8 de octubre de 1975 en Cianorte, en el interior de Paraná. Como ella dice, era una queer con una sexualidad “tonta”, por lo que en la escuela le presentaron estas normas de una manera muy violenta. La producción artística apareció en su vida como una posibilidad de transgresión y comunicación con manifestaciones de su yo interior. Ingresó a la Licenciatura en Dibujo y Plástica y, después de reprobador cuatro veces el máster, fue consciente de que la academia tenía sus características normativas. En 2017, se convirtió en la primera travesti negra en obtener el título de médico en Brasil. En 2019 fue nombrada profesora de la Universidad Federal de Paraná (UFPR) y actualmente es la coordinadora del Centro de Estudios Afrobrasileños (NEAB) de la UFPR.

Palabras-clave: Megg; travesti negro; educación.

MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA: PREMIÈRE TRAVESTI NOIRE DOCTEUR DU BRÉSIL

Résumé: Megg Rayara Gomes de Oliveira est née le 08 octobre 1975, à Cianorte, à l'intérieur de Paraná. Elle était une enfant pédé porteuse d'une sexualité bousillée. À l'école, elle a été présentée aux normes de genre d'une façon très violente. La production artistique est apparue dans sa vie comme une possibilité de transgression et de communication avec des manifestations de son intime. Elle est entrée à l'université pour faire le cours de Licence en Dessin et Plastique et ,après être réprouvé 4 fois à l'examen pour faire le master, elle savait que l'académie avait ses caractéristiques normalisées. En 2017, Megg est devenue la première travesti noire à obtenir le titre de docteur au Brésil. En 2019, elle a été désignée comme professeur de l'Université Fédérale de Paraná (UFPR) et, actuellement elle est coordinatrice du Noyau d'Études Afro-Brésilien (NEAB) à UFPR.

Mots-clés: Megg, Travesti Noire, Éducation.

INTRODUÇÃO

Megg Rayara Gomes de Oliveira nasceu em 08 de outubro de 1975, em Cianorte, no interior do Paraná. Megg Rayara se lembra de que, com menos de cinco anos, era uma criança bicha portadora de uma sexualidade disparatada, embora só tenha desenvolvido essa consciência na idade adulta. Brincava na rua, no quintal, subia em árvores, tomava banho de rio e corria maravilhosamente por todos os lugares que lhe permitiam, com uma toalha de banho amarrada na cabeça imitando uma peruca. No entanto, a toalha fazia falta na casa de pessoas pobres na hora do banho, pois era sempre um “inferno”, como relata Megg Rayara, porém cabelos longos, ainda que na forma de



uma toalha de banho, bastava para acessar uma conduta que se considerava feminina e questionar, de maneira meramente intuitiva, que um genital masculino não assegurava a existência plena de um macho. Além disso, ela não se lembra de sofrer retaliações por conta disso.

No entanto, na escola foi apresentada às normas de gênero de maneira muito violenta, pois é no espaço escolar que se controla o jeito de andar e de correr, a maneira de gesticular mãos e braços e o modo como balançar a cabeça e mexer os cabelos. Por meio disso, ela também tentava controlar seu jeito de falar e o tom da sua voz, na expectativa de ser o menos visível. Megg Rayara conta que, normalmente, as crianças que reivindicam construir uma identidade discordante do sexo biológico vão parar em consultórios médicos. Ser pobre e miserável, no seu caso, foi uma vantagem. Ela se lembra de que, quando tinha nove anos, um vizinho chamou a sua mãe e disse que ela deveria levá-la ao médico, porque “não era muito certa da cabeça”. Ela não ficou perto para ouvir a resposta de sua mãe e nunca perguntou qual seria a resposta dela. Além disso, sabia que sua mãe não iria levá-la, já que não tinha dinheiro para isso, nem queria saber o que ela pensava a respeito. E, assim, com o tempo, ela foi se eximindo no ambiente escolar.

Do fundo da sala de aula, da última carteira, ela observava, atentamente, tudo o que acontecia e adotava posturas que pareciam atender às expectativas dos/as professores/as. Megg Rayara passou por todo o ensino fundamental desenvolvendo estratégias de enfrentamentos para continuar estudando, mesmo tendo que atender a todas as questões normalizadoras do contexto escolar. Assim, seu boletim, a materialização de uma encenação constante, era a prova de que o ajustamento proposto pela escola estava funcionando.

Ela conta que, entre os 12 e 13 anos, era uma criança assustada e que não confiava em ninguém. Tinha medo de falar em público, não olhava para frente, vivia cabisbaixa, com medo de tudo. Ela adorava lixar madeira desde os nove anos e, assim, a produção artística apareceu na sua vida, como uma possibilidade de transgressão e de comunicação com manifestações de seu íntimo.

Após a morte de seu pai, quando tinha apenas 12 anos de idade, foi tirado dela qualquer plano de futuro, restando apenas se inserir tão nova no mercado de trabalho. Foi, então, ali que soube que, além do ginásio, existia o segundo grau e a existência das



universidades. Suas irmãs e irmãos foram abandonando a escola aos poucos e ela teimava em continuar estudando. Megg Rayara já trabalhava desde os sete anos, recolhendo sucata, vendendo frutas, verduras e, às vezes, distribuindo panfleto em sua cidade do interior. Além disso, sempre ouvia que estudar não enchia barriga de ninguém.

Toda essa *escrevivência* de Megg Rayara, em relação ao racismo e à homofobia, manifestaram-se fortemente quando ela foi para Curitiba. Logo, ela conseguiu trabalhar numa vidraçaria com desenhos, fazendo projeto de vitrines, box de banheiros e sacadas. Tempos depois, seu chefe explicou que ele teve a decisão final em contratá-la e levou em conta a questão racial e a sexualidade. O outro candidato era branco e hétero, dessa forma, teria mais oportunidades de ser contratado do que ela. Portanto, ela seria menos absorvida no mercado de trabalho do que o outro candidato. Nesse momento da sua vida, Megg Rayara observou, pela primeira vez, uma política de ação afirmativa lhe contemplando de forma muito potente.

Por sua vez, Megg Rayara trabalhou em vários outros lugares e fez por seis meses um curso de teatro para vencer a timidez. E isso a ajudou sobre o impasse de falar com o público; conheceu muitas pessoas negras e do movimento social e sempre ouvia que era importante ter uma formação no nível superior. Ingressar na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, no curso de Licenciatura em Desenho e Plástica, em 1991, confirmou que o magistério era uma atividade que acompanharia a vida toda. Em 1994, concluiu a graduação, começou a ministrar aula e, ali mesmo, ingressou numa especialização em História da Arte, concluindo-a em 1996. Quem ministrava as aulas era um professor, embora Megg Rayara estivesse sempre presente.

A sala de aula era o ambiente onde Megg Rayara tinha a oportunidade de discutir o racismo, homofobia e as outras formas de discriminação e preconceito. Por sete anos, trabalhou na Secretaria de Educação do Estado do Paraná, ministrando a disciplina de Artes. Consequentemente, ela se aproximou, ainda mais, dos movimentos sociais de negros/as, compreendendo que tinha condições de fazer um mestrado. Por quatro vezes, tentou ingressar no Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR), sempre sendo reprovada na entrevista, afirmando, cada vez mais, que a academia tinha suas características normalizadoras e normatizantes. Megg Rayara reivindicou o tratamento no gênero



feminino só em 2010, após ingressar no mestrado, por compreender que tinha mais chances de conseguir a vaga. De pouco a pouco, ela foi conquistando espaço acadêmico e se incluindo nas discussões raciais e de gênero de forma interseccional.

Em 2012, concluiu o mestrado discutindo a arte africana e afro-brasileira nas diretrizes curriculares estaduais e no livro didático público de arte do Paraná. Após o término do mestrado, tinha a convicção de que queria ingressar no doutorado. Embora ela não tivesse muito segura, nem base teórica, ingressou no doutorado em 2013, na primeira tentativa, e tinha a certeza de que queria discutir a sua própria trajetória, ou seja, dialogar com as (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Em outubro de 2016, fez o processo seletivo para trabalhar como docente de Didática na UFPR e, em 2017, a sua carreira no magistério superior se iniciou.

Nesse início de carreira, como professora substituta, sua tese já estava pronta e só aguardava o dia da defesa. No dia 30 de março de 2017, Megg Rayara Gomes de Oliveira tornou-se a primeira travesti negra a obter o título de doutora no Brasil, com a sua tese intitulada “O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação”, indicada, posteriormente, para representar o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR ao prêmio CAPES de melhor tese de 2017 (figura 1).

Figura 1: Dia da defesa de doutorado da Megg Rayara Gomes de Oliveira.



Fonte: UFPR, 2017.

Ela conta que, depois da defesa do doutorado, sua vida virou de pernas para o ar e passou a ser convidada para dar palestras e participar de eventos no país inteiro, rotina que se segue até hoje e ela confessa que está adorando. Além disso, em 09 de maio de 2019, Megg Rayara Gomes de Oliveira foi nomeada como professora efetiva da UFPR.

Atualmente, é Professora Adjunta no Setor de Educação e docente no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Paraná. É coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), também da Universidade Federal do Paraná. Publicou oito artigos em periódicos, três livros e assina 11 capítulos de livros. Por fim, Megg Rayara Gomes de Oliveira deseja uma sociedade mais plural, com equidade de gênero, raça e sexualidade, além de um sistema educacional democratizado e um mercado de trabalho livre da presença do machismo, racismo, LGBTIfobia, classismo e o capacitismo (figura 2).

Adupé!

Figura 2: Megg Rayara Gomes de Oliveira.



Fonte: UFPR, 2017.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEIJA FLOR FILMES: *Eu existi, Eu existo e vou continuar existindo: o lugar de travestis, mulheres e homens transexuais na arte, na história na sociedade*. 180min20s. Publicado pelo canal Beija Flor Filmes. Disponível em: <<https://youtu.be/yx9D3PeEtwv>>. Acesso em: 20/06/2020.

BEIJA FLOR FILMES: *Megg – A margem que migra para o centro*. 15min. Publicado pelo canal Beija Flor Filmes. Disponível em: <<https://youtu.be/7SKVe-IOITg>>. Acesso em: 20/06/2020.

FACED UFRGS: *Aula 9 - Relações étnico-raciais, gênero e sexualidade e(m) direitos humanos*. 119min36s. Publicado pelo canal FACED UFRGS. Disponível em: <https://youtu.be/aiRY_KT4_dI>. Acesso em: 20/06/2020.

FERREIRA, Michel Alves.; CASAGRANDE, Lindamir Salet. *Megg Rayara Gomes de Oliveira fala aos Cadernos de Gênero e Tecnologia*. Gênero e Tecnologia, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 05-12, 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *Currículo de Megg Rayara Gomes de Oliveira disponível na plataforma Lattes*. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0966589193883906>> Acesso em: 20/06/2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

UFPR. *Pela primeira vez, travesti negra obtém título de doutora na UFPR*. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalfufpr/noticias/pela-primeira-vez-travesti-negra-defende-tese-de-doutorado-na-ufpr/>>. Acesso em: 20/06/2020.

Recebido em 15/07/2020

Aprovado em 15/08/2020